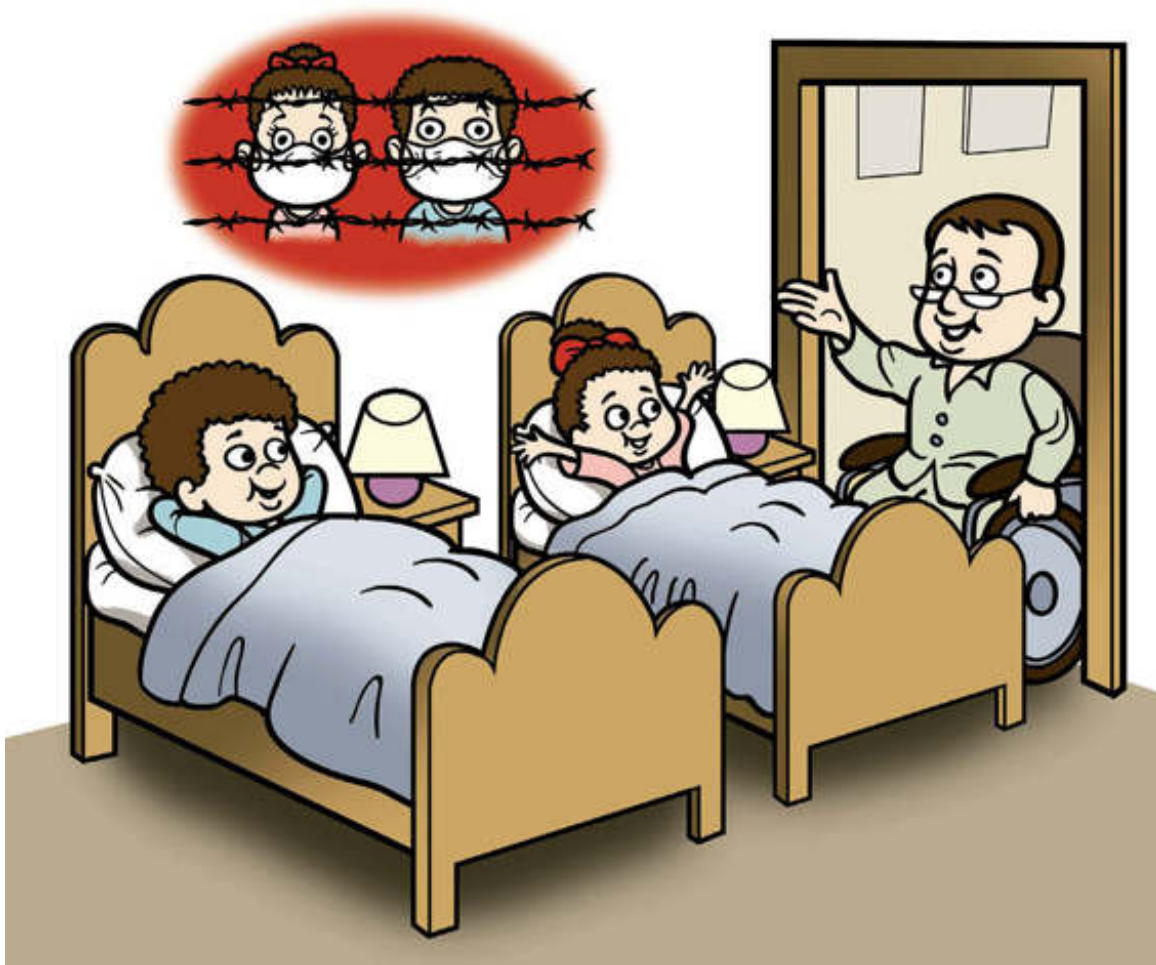
ARIZINHO
E A
PANDEMIA
ARI HECK
ALCANCE
ILUSTRAÇÕES DE
JUSKA

ARIZINHO
E A
PANDEMIA
ARI HECK
ALCANCE
ILUSTRAÇÕES DE
JUSKA

ARI HECK

Enquanto o Brasil vive talvez uma das piores pandemias de sua história, o nosso personagem, Arizinho, apresenta uma nova aventura que vem em excelente hora, principalmente neste momento de confinamento e profunda reflexão.

Você que já conhece a história de "Um jogador muito especial" vai adorar a sua nova aventura. Além de trazer uma grande reflexão sobre sua história de vida, ele vai nos ensinar muitas coisas boas para viver nesse período de pandemia e, principalmente, depois da pandemia.

A aventura começa assim...

Era mais um dia na longa pandemia que assolava o mundo. Já se passavam dois meses de quarentena. A Ana Julia e o Mateus não sabiam mais qual livro ler, qual filme assistir.

Naquela noite, ao desejar bons sonhos aos filhos, o pai foi inesperadamente questionado pela Ana Julia.

– Pai! É verdade que você já esteve numa pandemia?

Antes mesmo que respondesse, Mateus retrucou:

– Ana, o pai era criança, ele não se lembra de nada.

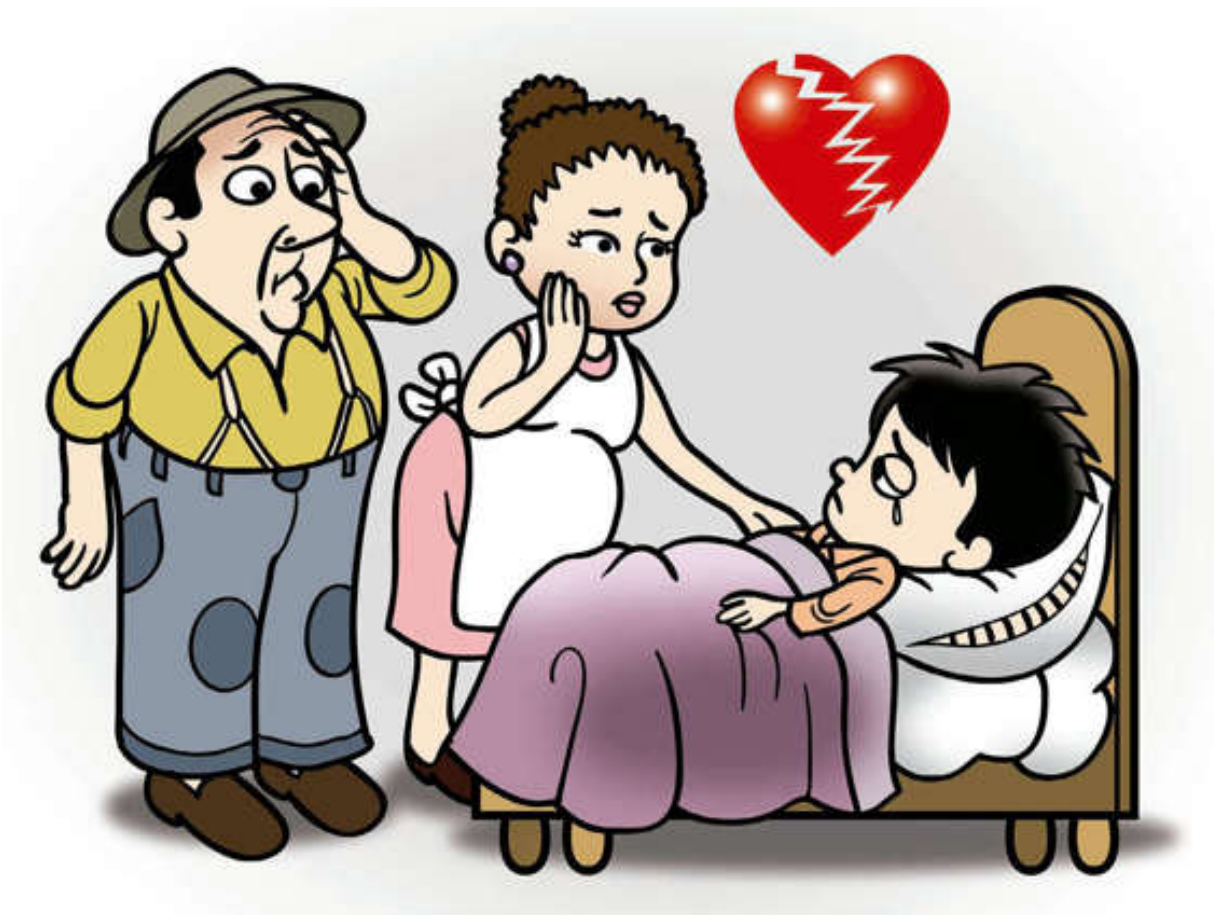
– Vocês querem que eu conte a história para vocês?

Instantânea e simultaneamente responderam:

– Sim!

– Pois bem. Há muitos anos atrás, o nosso Brasil era muito mais pobre, poucas casas tinham água potável, coleta e tratamento do esgoto, e o sistema de saúde era muito frágil. Tudo muito próprio para proliferação de vírus e bactérias.

Arizinho era uma criança linda, saudável, sorridente e muito brincalhona. Mas ele morava na roça e na casa de seus pais não tinha água potável. Ele tomava água de um poço que seu pai havia aberto há anos no meio do mato. Ele também não tinha banheiro na casa, ele e seus irmãos faziam as necessidades numa humilde latrina que tinha nos fundos. Chuveiro tinha, mas era um grande balde amarrado com furos feitos com pregos e por onde saía a água. Muitas vezes, Arizinho tomava banho no velho tanque de lavar roupa.

O menino nasceu no ano de 1965, e sua mãe foi na escolinha rural perto da casa para receber uma homenagem pelo Dia das Mães, já que Ieda e Walter, irmãos mais velhos, estudavam na escola. Aquele era o dia ١٢ de maio. O pai ficou em casa com o Arizinho e sua irmã Marli. Como Arizinho não havida acordado, o pai foi até sua cama para ver o porquê. Mas Arizinho estava desperto e em silêncio no berço, talvez porque estava todo sujo. Havia ficado sem fralda naquela noite.

O pai pegou o menino e o levou até o tanque de lavar roupa para limpá-lo, mas Arizinho não ficava mais em pé. Naquele mesmo dia, os pais o levaram até o hospital, de onde sairia quase trinta dias depois. Durante mais de vinte dias, Arizinho ficou em coma, sem chorar, sem sorrir, sem comer, vivia apenas com o soro que lhe era injetado. Já não tinha mais gordurinha nem músculos, o soro era aplicado nas perninhas. Como Boa Vista do Buricá era pequena, logo a notícia se espalhou. Muitos o visitavam no leito do hospital, outros só comentavam do seu drama, mas todos rezavam muito por ele. Sua mãe, grávida de seis meses da Ivete, nunca arredou os pés diante daquele leito frio do hospital. Aliás, a mãe do Arizinho praticamente morou no hospital, e seu pai ficava em casa cuidando dos outros três irmãozinhos, fazendo comida, lavando roupa, cuidando dos animais e da roça. O médico da cidade já havia dado a Arizinho tratamento para meningite e muitas outras doenças com sintomas parecidos.

Quando se passaram mais de trinta dias, o padre, que fazia visitas diárias aos doentes, pediu à mãe do Arizinho autorização para dar a bênção final, que é dada para todos os católicos antes da morte. Depois de muito choro e tristeza, ela se confortou e concordou com o padre. Alguns dias depois, o Arizinho continuava imóvel na cama, e sua mãe diante do berço, com a enorme barriga da gravidez, conversando e orando por ele. Durante o meio-dia, naquele domingo, o jovem médico Dr. Casarin, muito atencioso e prestativo, entrou no quarto acompanhado de outro jovem. Disse para a mãe que estava de visita e que, no almoço, havia comentado com seu colega da faculdade de Medicina o caso do Arizinho.

O jovem médico, que atuava numa cidade maior, tirou de seu bolso a chave do carro e apertou a chave na sola dos pezinhos do menino com tamanha força que parecia furá-los. Ao mesmo tempo, pediu para a mãe e o médico olharem nos olhos do menino, que permaneceu em total silêncio, mesmo com tamanha dor. Após alguns segundos, correram as primeiras lágrimas nos olhinhos azuis do Arizinho. O jovem médico disse, então, que os sintomas que a criança apresentava eram de poliomielite, doença que havida se alastrado no Brasil nos últimos anos e que já havia matado milhares de pessoas, principalmente crianças. E que o menino ainda estava vivo porque recebeu tratamento médico bom e, acima de tudo, muito amor de sua família. E disse que em seu hospital tinha vacina e que, no outro dia, mandaria algumas doses para vacinar o Arizinho e seus familiares, pois o vírus poderia ser transmitido para outras pessoas, tal como o coronavírus de hoje.

Mateus interrompeu dizendo:

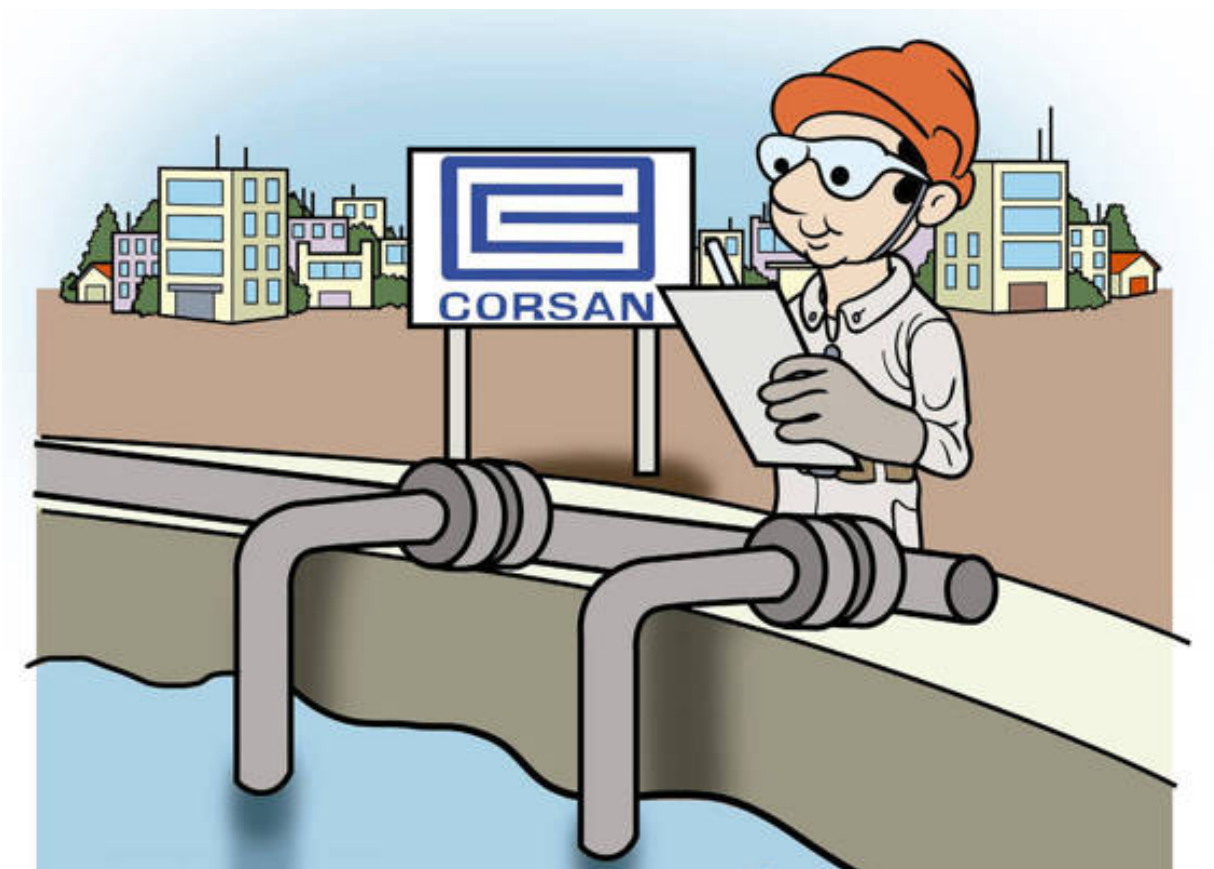
– Pai, mas a vó Dalila me disse que era paralisia infantil.

– Exatamente, Mateus, o vírus se chama poliomielite e os cientistas apelidaram a doença de paralisia infantil porque atacava o sistema de locomoção e as principais vítimas eram as crianças. Esse estágio é o mais severo da doença e muito poucos casos como o do Arizinho sobreviveram. Mas vamos continuar mais um pouco.

No dia seguinte, logo que a vacina chegou, Arizinho e toda sua família foram imunizados. Mas, na verdade, já era tarde para o Arizinho, porque o vírus já havia atacado o sistema motor, por isso ele não sentia dor nas perninhas. Mas a vacina ajudou a enfraquecer o vírus e fazer com que o menino começasse a reagir e se recuperar. Não foi fácil. Arizinho passava alguns dias em casa, outros dias no hospital, mas muito lentamente começou a reagir. Acreditem: com mais de três aninhos, ele sentou sozinho pela primeira vez. No início, para brincar com os carrinhos que recebia, ele empurrava com a cabecinha ou o ombro. Depois que conseguiu sentar, ele começou a se arrastar pelo chão da casa, depois na varanda, depois no quintal, até não parar mais.

– Até no campo para jogar bola com os amigos – disse Ana Julia, referindo-se a “Um Jogador Muito Especial”.

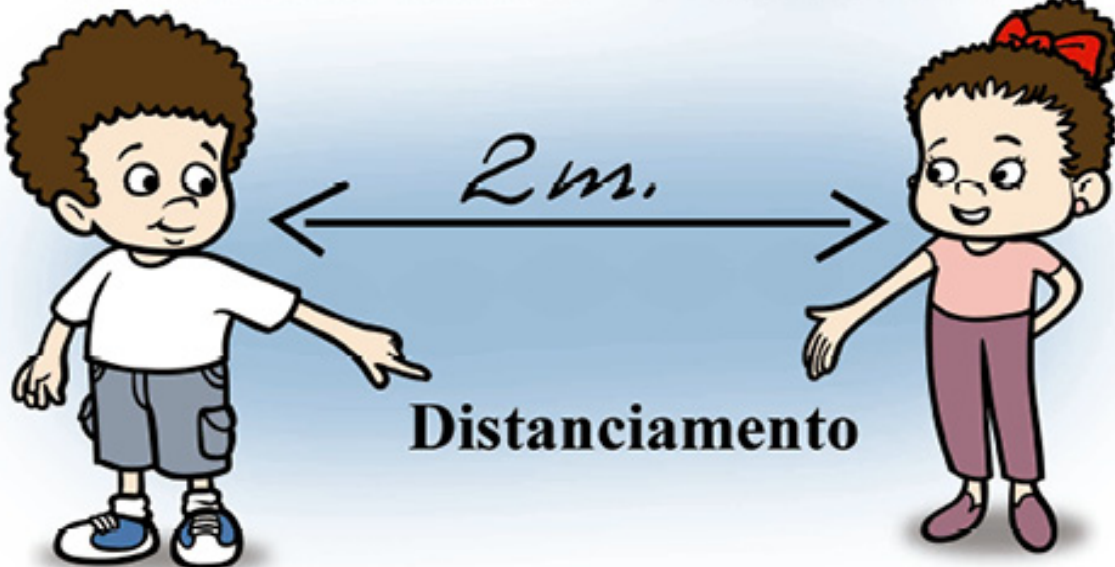
– Agora te respondi a pergunta, Mateus, sim, eu sou uma vítima da pandemia da poliomielite. Vocês sabem que a poliomielite existe desde que se tem registro da humanidade, mas somente no século XIX os cientistas descobriram o vírus e deram um nome para ele? E, como falei antes, era uma doença que atacava as famílias mais pobres, aquelas que não tinham tratamento de esgoto, água ou ambientes higiênicos. Não me olhem tristes assim, graças a nós, vitimados da poliomielite, muitas coisas foram feitas para melhorar a vida das pessoas.

Vocês sabiam que o Brasil foi denunciado na Organização Mundial da Saúde (OMS) por causa do grande número de vítimas da pólio? Depois da denúncia, o Brasil teve que criar um programa de saneamento básico com tratamento do esgoto e água potável. Aqui no nosso estado foi criada a Corsan para fazer isso, e vejam que belo trabalho eles estão fazendo. Tanto que, desde o início da década de 1980, não existem mais casos confirmados no Brasil.

Além disso, graças a um deficiente físico, foi inventada a cadeira de rodas, imaginem o Arizinho sem cadeira de rodas. O vídeo cassete também foi criado por um pai de deficiente vitimado da pólio, que achou uma forma do filho acamado poder assistir vários filmes sem precisar alguém próximo. Depois vieram muitas outras novas tecnologias que ajudaram muito para chegarmos até os aparelhos modernos de hoje. Mas o legado mais importante que nós, vítimas da paralisia infantil, deixamos é a Campanha Nacional de Vacinação. Graças a essa campanha, o Brasil acabou com muitas doenças.

Usar álcool gel

Usar máscara

Isolamento Social

Lavar as mãos

– Pai, por isso você fala tanto em prevenção?

– Sim, Ana Julia. O Arizinho não tinha como se proteger, mas agora, com a Covid-19, que também mata, temos que nos proteger. É importante usar álcool em gel, máscaras e, principalmente, lavar bastante as mãos. Isolamento social das pessoas de risco e distanciamento social dos demais. Abraços e beijos só depois de acharem a cura, assim como acharam da poliomielite.

Fomos interrompidos pelo Tiago, irmão mais velho do Mateus e Ana, dizendo:

– A vó Dalila é uma heroína.

– Com certeza, poucas pessoas fariam o que ela fez pelo Arizinho. O interessante é que o Arizinho escutava tudo que ela falava, só não tinha força para responder. Ele ouviu quando ela disse: você vai ficar bom e vai nos dar muito orgulho. Até podem achar que você não vai sobreviver, mas eu não vou desistir. Você vai viver para me dar muitas alegrias.

Finalizando, a Ana Júlia disse:

– Conta agora a aventura do Arizinho na cidade grande.

– Não, chega por hoje. Essa aventura, só no próximo livro. Durmam bem e lembrem-se: protejam-se do vírus.